



Alberto dos Santos Miranda nasceu em Macedo de Cavaleiros no dia 14 de Fevereiro de 1912. A sua família era de origem bragançana.

Seus pais foram António Augusto Miranda e Ana do Espírito Santo de Sousa Miranda, que tiveram sete (ou oito?) filhos.

Durante parte da infância, viveu com as suas irmãs mais velhas, Maria da Luz e Julieta, ambas professoras do Ensino Primário. Assim é que veio a concluir a 5.^a classe do Ensino Primário em Rio de Onor, povoação do concelho de Bragança, onde à altura exercia Maria da Luz. Das suas vivências rurais em Rio do Onor deixou-nos vários testemunhos repassados de saudade, nomeadamente numa recensão à obra *O Riodonorense – Lendas. Folclore*, do Dr. Daniel Rodrigues, publicada no *Boletim dos Amigos de Bragança* e mais tarde na *Revista Tellus*, e o poema “Rio de Onor”, no livro *Relíquias da minha terra*.

Em Bragança, fez um curso de desenho técnico na Escola Industrial e a seguir o curso liceal (Curso Complementar de Letras) no Liceu. Nesta cidade viveu até 1938. Enquanto estudante, participou activamente na vida académica (revistas, récitas, etc). Era então «agarotado e sem vergonha», como dirá algures; numa carta a um destinatário não identificado, dirá mais: «Eu era, realmente, um rapazolo ágil, elegante (tipo Rudolfo Valentino...), cabulão, repioqueiro e femeeiro.». Também em Bragança estabeleceu uma sólida e duradoura amizade com Eduardo Carvalho, que viria a ser um dos mais ilustres e prestigiados professores do Liceu. O Dr. Eduardo Carvalho foi o impulsionador de uma homenagem que foi prestada a Alberto Miranda no





Auditório Paulo Quintela, em Bragança, em 15 de Fevereiro de 1992, altura em que sai uma 2.^a edição fac-similada do livro Relíquias da minha terra (evocações de figuras e locais de Bragança).

Não prosseguindo os estudos, conseguiu o lugar de aspirante da Junta Autónoma de Estradas e é colocado em Braga (onde esteve três anos) e depois no Porto. Nesta cidade casou em 17 de Outubro de 1948 com D. Ester Rodrigues da Silva Miranda, de quem teve três filhos: Maria da Luz, Marília e Alberto. (Este último é também poeta, assim como a neta Marília, filha de Maria da Luz.) Mais tarde é transferido para Vila Real, em cuja Direcção de Estradas desempenhou desde 1959 as funções de chefe dos serviços administrativos, lugar obtido por concurso. No âmbito desta actividade profissional, editou em 1959 uma compilação da principal legislação aplicável aos cantoneiros, intitulada Pessoal cantoneiro. Reformou-se ainda antes do 25 de Abril. Sua Esposa era funcionária técnica dos CTT.

Em Vila Real passou o resto da sua vida, aqui falecendo em 17 de Outubro de 1992. Era uma figura incontornável da intelectualidade local, sempre disposto a colaborar com iniciativas de natureza literária e cultural. Nos anos 70, pertenceu ao Núcleo Cultural Municipal. Trajava sempre de forma muito cuidada, dificilmente dispensando o uso da gravata. Dedicava parte do seu tempo à actividade docente particular, dando explicações de Português e outras disciplinas.

A Câmara Municipal de Vila Real distinguiu-o com a Medalha de Prata de Mérito Municipal (entregue em 13 de Junho de 1990) e atribuiu a uma rua da cidade o nome de Rua Poeta Alberto Miranda.

Como escritor, Alberto Miranda é sobretudo um poeta, embora tenha publicado (por vezes com regularidade) textos de carácter jornalístico e apreciações literárias. Já sobre o tarde, manifestou a intenção de publicar uma série folhetos sob o título geral de Referências literárias, de que apenas sairia um número, dedicado ao romance O cabo Mingas, de Otílio de Figueiredo.

A sua lírica corre geralmente com respeito dos cânones tradicionais: rima e métrica. Percebe-se que o poeta está menos à vontade quando escolhe o verso branco, o que aliás é relativamente pouco frequente. Escreve uma poesia agradavelmente eufónica, revelando uma notável segurança em especial nos géneros quadra popular e soneto. Os seus temas dominantes são a saudade, a desilusão, pessoas e lugares concretos. Por vezes, ocorre um poema ou outro cujo registo lírico se atenua, dando lugar a uma poesia amavelmente risonha.

Publicou os seguintes títulos de poesia: Musa incerta (Vila Real, 1957, com prefácio de António Cabral); Regresso (Vila Real, 1962); Relíquias da minha



terra (Vila Real, 1966; 2.^a edição em 1992); Entre dois rumos (Vila Real, 1981, com capa de João Estrócio; constitui o n.º 1 da Colecção Tellus, da Câmara Municipal de Vila Real); Antologia poética (Vila Real, Publicações Setentrião, 1985); e Aguarelas (Vila Real, 1988; constitui o n.º 3 da já citada Colecção Tellus).

Para além disso, colaborou com bastante regularidade em várias publicações, como: Amigos de Bragança, Além-Douro, Alto Tâmega, A Região, A Voz de Trás-os-Montes, A Voz do Nordeste, Bairrada (a partir de 31 de Dezembro de 1958), Catassol, Gazeta Literária (órgão da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, de que era membro), Gil Vicente, Nordeste Cultural, Notícias do Douro, O Cávado, O Transmontano, O Vilarrealense, Revista CNA (do Colégio Nun'Álvares), Tellus, etc.

Obteve prémios em diversos concursos poéticos, como sendo o 1.º prémio dos Jogos Florais Transmontanos em 1956 e em 1958, e do concurso de quadras de S. João promovido pelo Jornal de Notícias em 1960.

Em 24 de Julho de 1960 o grande actor e declamador João Villaret disse o seu poema “Evocação”, na RTP, e em 3 de Janeiro de 1963 o Diário Ilustrado publica uma entrevista com o poeta. Está referenciado na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

Algumas apreciações sobre a sua poesia:

«Há, no entanto, na sua poesia uma revelação constante de cultura literária humanística com largos conhecimentos dos valores estéticos da sua época.» (Otílio Figueiredo)

«Em alguns sonetos chega a atingir rara grandeza, podendo equiparar-se a consagrados de figuras literárias de relevo.» (Revista CNA)

«A mestria do ritmo, dom que persiste desde os primeiros livros que lhe conheço e lhe conferem o direito de assento entre os bons poetas de raiz popular (notáveis algumas das suas quadras); a busca da imagem precisa, condizente com uma inquietação que lhe anima momentos de forte vivência, em que o eu se perde e se reencontra; a expressão de um desencanto que algo terá a ver com certo condicionalismo criativo e com imponderáveis afectivos – temática da poesia de sempre; o travejamento sólido da arquitectura discursiva, em que a linha sintagmática avança numa ondulação dotada de pronunciada simetria – eis algumas características da linguagem de Alberto Miranda (...).» (António Cabral)

«Alberto Miranda tem, decididamente, o dom da poesia total, isto é, da que se sente e da que se escreve (...). O dom de apreender poeticamente a realidade



prolonga-se no dom de a recriar em formas clássicas cheias de sonoridade e harmonia (...) .» (A. M. Pires Cabral)

«Nos seus poemas há proporção, leveza, graciosidade e poesia.» (Ângelo Minhava)

«Alguns dos seus sonetos (...) agradaram-me deveras. São versos de um poeta.» (Hugo Rocha)

«Os seus poemas (...), mesmo aqueles que aderem à corrente do verso branco, conquistaram a minha admiração: têm ritmo, têm substância e a sua filosofia.» (Carlos Valle)

«Alberto Miranda, poeta dotado de pensamento elevado e fácil inspiração (...). Os seus poemas deixam-nos um travo de fruição inesquecível.» (Rebello Bonito)

VENTURA

Andei pelas quebradas abismais
Em busca dessa argila que era eu,
Mas nada consegui do que foi meu
Nem vi, sequer, o rasto dos meus ais!

Voltei às convivências espectrais
Da sombra em que o meu ser se converteu
E o sonho que vivi perto do céu
Perdeu-se como as folhas outonais!

Talvez exista ainda na lonjura
A catedral imensa da ventura
Firmando o pedestal do meu desejo...





Talvez exista, sim, quem sabe lá?

Mas onde procurá-la? – Onde está?

Se eu vivo dentro dela e não a vejo?!

Alberto Miranda, Musa incerta. – Vila Real : Minerva Transmontana (comp. e impr.), 1957